



III

ORIGEM DOS UANANAS

1 — Ha muito tempo, contam, houve gente no Lago de Padêua. (1)

2 — Como no meio d'ella havia porção de mocinhas que ainda não tinham enluado, suas mães costumavam mandal-as arrancar mandioca na roça.

3 — Um dia, contam, appareceu para ellas na roça porção de moços bonitos.

4 — As mocinhas, contam, ficaram alegres, não perguntaram ao menos d'onde eram

5 — Como eram ainda innocentes deixaram esses moços spossar-se d'ellas

6 — Os moços, quanto a elles, disseram:

7 — Moças bonitas, si vocês nos querem bem, aqui mesmo nos esperem todos os dias.

8 — Não contem de nós ás mães de vocês!

9 — Todas as mocinhas alegres de verdade, contam, responderam:

10 — Nada havemos de dizer.

11 — Todos os dias as mocinhas iam para a roça, ahi se encontravam com esses moços.

12 — Todas ellas, contam, deante dos olhos de toda a gente, foram crescendo.

13 — Bem aqui já seu corpo, contam, foi depressa!

(1) Lago de Padêua: Contam os indios que este lago fica na margem direita do rio Kerari, tem as aguas vermelhas e o fundo de carvão.



14 — Duas luas depois, contam, suas mães viram que ellas estavam prenhes, então já suas mães, contam, perguntaram a ellas:

15 — Quem é que engravidou vocês antes de enluarem?

16 — Como já não podiam mais esconder, ellas contaram tudo que se tinha passado com esses moços.

17 — Como então ninguem podia brigar antes do tuhixaua o tuhixaua delles foi espiar da beira da roça as mocinhas.

18 — As mocinhas estavam já na roça, o tuhixaua escondeu-se perto d'ellas para espiar bem.

19 — Ahi já mesmo, contam, elle ouviu mum!... vindo do ceo.

20 — Mesmo deante de seus olhos, contam, desceu uma abelha, foi ter já moço com a filha d'elle, d'ella se apossou.

21 — O tuhixaua tambem correu logo, contam, para dar n'elle, o moço deu n'elle, quazi o mata, depois ahi mesmo voou já abelha para o ceo:

22 — Abelha porção, contam, barulhava para o ceo.

23 — Elle voltou para casa, não contou como lisha passado, não deixou mais as mocinhas irem para a roça.

24 — No outro dia, contam, só as velhas foram para a roça, quando ellas ahi chegaram abelha, contam, barulhava para o ceo.

25 — D'ahi a boccadinho, contam, abelha porção se juntou por cima da cabeça d'ellas barulhando mum! mum! mum!...

26 — Assim ellas passaram duas luas.

27 — Um dia o tuhixaua se lembrou que já era tempo de miriti, disse para a sua gente:

28 — Vamos fazer dabucuri de miriti para a gente do Cuduiari, (2) amanhã mesmo havemos já de partir.

29 — Na outra manhã, contam, depois de apanharem miriti, elles partiram logo para o Cuduiari, ficaram só as mulheres e um curami, já grandinho mesmo, para homem d'ellas.

30 — Uma tarde todas as mulheres estavam sentadas no terreiro, tristes.

31 — Ahi já mesmo, contam, abelha porção se juntou por perto d'ellas.

32 — Uma d'entre as moças, contam, olhou para as abelhas, disse:

33 — Si vocês fossem gente, haviam de fazer dabucuri de urucu para nós.

(2) Kuduiari: Affluente do Kaiari ou Buopé, na margem esquerda.

34 — Nós estamos aqui sózinhas, tristes, não sabemos quando chegarão nossos maridos.

35 — Estamos aqui passando desgraçadas!

36 — Immediatamente, contam, as abelhas voaram para o ceo.

37 — D'ahi a boceadinho, contam, subiu do porto um moço bonito, veio conversar com ellas.

38 — As moças ficaram logo doidas por elle.

39 — Quando já se estava despedindo elle disse:

40 — Moças bonitas, com tres dias eu e meus parentes vimos fazer para vocês dabucuri de urucu.

41 — Esperem por nós.

42 — Bem alegres, contam, ellas responderam:

43 — Pois sim, esperaremos vocês com nosso caxiri.

44 — Ahi já mesmo, contam, esse moço desapareceu para o porto.

45 — Essas mulheres foram cedinho para a roça tirar mandioca para caxiri.

46 — Alegres, alegres, contam, ellas estavam, só aquelle curumi, contam, sentia feio o coração.

47 — Como elle era um pouco pajé, foi com a noite para o porto sondar por meio do seu tabaco.

48 — Ahi, contam, tudo appareceu atrapalhado no seu coração!

49 — Tres dia depois, contam, as mulheres ouviram toque de dabucuri para as bandas do porto, immediatamente pozeram balaio para receber a fruta do dabucuri.

50 — Aquelle curumi correu, foi-se embrulhar n'um tupé, depois foi-se encostar na sala da festa.

51 — Porção de moços, contam, appareceu logo, cada um com seu panacu ás costas.

52 — Elles entraram, foram pondo urucu pelos balaios.

53 — Todos elles traziam dentes de onça na cintura, pennas de japu na cabeça.

54 — Aquelle curumi, contam, tremia de medo.

55 — As moças, contam, encostaram-se logo aos moços para dansar, outras davam caxiri

56 — D'ahi a pouquinho o curumi viu já que aquellas moças que dansavam tinham os olhos fechados, depois iam ficando finas

57 — Elle accendeu bem os olhos, então viu já esses dentes de onça estarem a chupal-as

58 — D'ahi a boceadinho elle os viu já levar para fóra a pelle d'essas moças que foram, depois voltar para a festa.

59 — Como essas mulheres estavam de alegria não viam mais o que se passava ahi, outra logo ia dansar em vez da que tinha morrido

60 — Já no meio da noite, contam, o curumi reparou que as moças iam já desaparecendo

61 — Ahi então, contam, elle saiu do meio do tupé, foi para fóra, ahi encontrou porção de pelles de mulher

62 — Como uma d'essas mulheres tinha creança ainda verde, estava ralhando com ella por não querer dormir.

63 — Ella viu o curumi, chamou-o para pegar na creança para ella ir dansar.

64 — Então já, contam, disse o curumi.

65 — Vocês parece são cegas, não vêem será que estão se acabando!

66 — Chama o resto de nossas mulheres, vão ver la fóra pelle das outras que foram!

67 — As mulheres que estavam perto d'elles dois era já o resto de todas as mulheres, ellas correram a ver si era certo o que elle dizia, durante isso elle escondeu sua avó embaixo da vasilha do caxiri.

68 — Essas mulheres, depois de terem visto ser certo o que o curumi dizia, fugiram para o malto.

69 — Já era, contam, manhã.

70 — Como, contam, os moços já não achavam mais quem chupar saíram logo para o terreiro, ahi começaram voando.

71 — Estes como andorinhas, sahis, tentens, outros como surucuás, tucanos.

72 — Dois velhos que estavam sentados perto da porta voaram logo atraz delles já feitos urumutuns, accesos, contam, iam seus cuidarus.

73 — Como já tinham voado todos, o curumi correu para fóra a ver para onde era caminho d'elles.

74 — Já de manhã cedo o resto da gente se reuniu, ahi então, contam, o curumi disse:

75 — Vocês parece estavam doidas esta noite para não verem como se iam acabando!

76 — Agora peguem nas pelles d'essa gente que foi, joguem dentro d'agua.

77 — Eu vou vingar-nos, agora ouçam logo bem o que vou dizer a vocês.

78 — Amanhã, aqui mesmo dentro de casa, hei de esconder vocês para não verem o que se vae passar com essa gente má.

79 — Na manhã do outro dia elle deixou as moças n'um quarto, depois escondeu sua avó em baixo d'um panellão.

80 — Depois de assim fazer tudo pegou n'um pote cheio de sumo de miriti, deixou no terreiro, depois foi se embrulhar no tupé.

81 — D'ahi a boccadinho elles ouviram as abelhas descerem do ceo.

82 — Ellas chegaram perto do pote, ahi já viraram todas gente.

83 — Ahi, contam, começaram logo bebendo sumo de miriti, quando beberam todos ahi mesmo já de todos elles sacou do corpo a cabeça.

84 — Corpo d'elles fazia barulho grande, por toda a parte pulápulavam como cururu, a tóa pegápegavam por tudo.

85 — Tu! tu! tu! assim mesmo, contam, cabeça d'elles fazia.

86 — Avó do curumí, contam, ouvia já feio de mais, levantou um pouco o panellão para espiar, ahi mesmo já tambem sacou cabeça d'ella.

87 — Como seu neto não a queria perder saiu do tupé, pegou na cabeça d'ella, encostou no logar.

88 — Immediatamente tambem, contam, cabeça d'aquelles moços voltou para seu logar.

89 — No mesmo instante elles viraram surukuá, andorinha, bacaco, (3) todo geito de passaro bonito, voaram direito para o ceo, depois seguiram já para casa por um só caminho.

(3) Este passarinho é conhecido vulgarmente por *cuiuhi*, nome tirado de uma parte do seu canto. Encontra-se em todos os lugares, tanto nas mattas como nos povoados, e chamam-lhe tambem feiticeiro, encantado e adivinhador. Como é pequenino e castanho, esconde-se facilmente no arvoredor, só se lhe ouvindo o canto. A's vezes, como ferido de um ataque subito, cae a prumo do ramo em que se pousa, dizendo *cuiuhi, cuiuhi, cuiuhi!* numa voz de lamentação que começa forte acabando por esmorecer. Quando está para tocar em terra cala-se, abre as azas, suspende o vôo, remonta ao ramo e rompe então no annuncio de alguma coisa que assim prelu-diada é sempre de máo agouro.

Quando por isso elle o faz em arvore proxima a casa onde ha doente e salta a dizer, bem alto e claro, — *resupyre teñuera!* — isto é, *carrega o defunto* — é logo perseguido o grande porção de invectivas e pragas desabam sobre elle, si, dahi desalojado, vae pousar-se na propria cumieira da casa e continúa a dizer que carreguem o defunto.

Em compensação é recebido com alegria quando avisa da vinda de alguém, dizendo: *iké rupi kuri ure!* — isto é, *por aqui elle ha de vir!* acrescentando ainda: *supireté, kuri ure!* — é mesmo certo, ha de vir!

Para a gente saber quem é pergunta: E' F...? Si é F... vae-te embora que eu já sei.

Si elle se cala ou vae-se embora é a pessoa que se disse a annunciada; em caso contrario pergunta-se de cada vez si é esta ou aquella até que elle diga qual é. Dahi o sermos realmente recebidos muitas vezes com o annuncio de que o passarinho já tinha dado aviso da nossa visita.

Contam que além do *nheëngatú*, como já vimos, elle fala manao e baré; não tenho comtudo encontrado até hoje uma só, dentre tantas nações de lingua differente, que lhe não traduza as phrases e por elle não guarde a mesma superstição.

90 — O curumi reparou bem para aonde elles foram, depois contam, entrou em casa, disse para a avó:

91 — Tu, velha tola, por tua causa essa gente ruim fugiu da minha maracaimhara.

92 — Deixa estar, si outra vez ensaruares minha maracaimhara eu te mato.

93 — Elle tomou immediatamente arco, frecha, seguiu atraz d'aquella gente.

94 — Coração d'elle, contam, a elle contava alguma cousa, por isso estava prevenido.

95 — Para não perder o caminho por onde elle seguia fazia caapepena, (4) quando se voltou para ver si o caminho estava bem todas as varinhas estavam já levantadas.

96 — Voltou para fazer outra caapepena, do mesmo modo as varinhas se levantaram todas.

97 — Então, contam, lembrou-se já do tauá da sua tapacura.

98 — Esfregava a mão n'elle, com elle ia marcando pelos paus seu caminho.

99 — Já na cabeceira do Lago do Padêua, contam, ouviu gente rir.

100 — Elle foi, contam, de vagar, viu então um pau grande aonde, contam, era casa d'elles.

101 — D'ahi já voltou.

102 — Como a gente que tinha ido fazer dabucuri já estava para voltar o curumi foi encontral-a no meio do caminho.

103 — Quando elle os ouviu virou logo passarinho, contou como tinham suas mulheres passado, depois appareceu a elles já como gente, contou o que se passou atraz d'elles.

104 — Quando chegaram em casa pensaram logo em vingar-se.

105 — No outro dia bem cedo, contam, todos os homens foram com o curumi pelo caminho d'elle.

106 — Quando chegaram no pau grande fecharam logo as portas com couro de tapir, depois pegaram fogo n'elle.

107 — Gente que saia de dentro de casa para o terceiro frechavam, matavam immediatamente.

108 — Quando fogo acabou de pegar n'esse pau grande então, contam, o pajé Dianomion e o pajé Munstero, (5).

(4) *Caapepena*: Termo nheêngatú que se tornou corrente. Signal que no matto se faz, para indicar o caminho seguido, quebrando de vez em quando na altura da mão, de modo a ficarem pendentes, os arbustos e ramos.

(5) *Dianomion Iairo* e *Munstero Iairo*: Pajé Pato e Pajé Japu.

voaram já do meio do fogo, sumiram direito para as bandas do ceo, com elles foi tambem mais gente.

109—Quando esse pau grande acabou de queimar cinza d'elle, contam, desapareceu logo no meio do sangue da gente morta.

110—Bem na beira d'elle, contam, estava um aturá com os enfeites de tuhixaua.

111—Mearinke Teibê, (6) chefe dos guerreiros, pegou logo, contam, no deposito dos enfeites, tirou de dentro uma munampire, poz na cabeça.

112— Ahí mesmo toda a gente viu cabeça de Mearinke Teibê sacar do seu logar.

113—O curumi, contam, disse:

114—Vigiem como nosso mais velho é tolo!

115—Elle não tem sangue de tuhixaua, foi pôr munampire para agora cabeça d'elle sacar!

116—Elle não sabia será que estes enfeites são só de tuhixaua?

117—Não se lembrava será que esta gente era nossa inimiga?

118—Cahin logo como tolo de verdade na feitiçaria d'elles!

119—Como Mearinke Teibê já não tinha mais cabeça, bocca d'elle passou para o peito, os olhos ficaram nos mamillos.

120—Aquella gente, contam, tinha posto feitiçaria para quem pegasse nos enfeites.

121—Dois dias depois, contam, Mearinke Teibê e Vénio, (7) mulher d'elle voaram de Padêua para a Serra da Arara, (8) aonde ficaram para sempre.

122—Mearinke Teibê é principio dos Ipomúa, (9) Vénio avó dos Kauaraiúá.

123—Todo o anno a gente vê povo d'elles ir vêl-os.

124—Depois de passarem muitos annos, contam, appareceu Uansken na Cachoeira do Cururu, (10).

125—Tinha na mão seu cigarro, fumava, jogava a fumaça delle para o ceo.

(6) *Mearinke Teibê*: O sem cabeça ou descabeçado.

(7) *Vénio*: Mulher.

(8) *Serra da Arara*: Fica acima da fóz do Kuduiari, na margem direita.

(9) *Ipomúa*: Nome dado aos Kobeus e Kobeuas das cabeceiras do Kuduiari.

(10) *Cachoeira do Caruru*: É uma das principaes do Kaiari ou buopé. A sua passagem é feita pelo lado, sobre estiva, tornando-se essa passagem mais difficilissima, por subir em degráos o seu lago.

126 — Fez-se noite, ceo estava cheio d'estrellas, a Lua vinha vermelha na beira do ceo, a terra estava fria.

127 — Então, contam, das estrellas começaram pingando lagrimas, estas lagrimas vieram cair em cima do Kumun hapa, (11) aonde immediatamente se viraram logo para gente.

128 — Quando já queria amanhecer o ceo ficou escuridão, um vento frio veio, apagou o corpo d'essa gente.

129 — Quando já dia, contam, essa gente viu Uansken no meio d'ella, ahí elle disse d'este modo:

130 — Filhos das minhas Estrellas, desta terra, d'este rio, d'este ceo são vocês os donos.

131 — Depois, contam, tirou de um panacu semente de pupunha, de milho, de umari, de maniva, de cará, de batata, disse:

132 — Aqui está, tomem estas sementes para plantar.

133 — Não as deixem perder, porque senão vocês morrerão de fome.

134 — Agora venham commigo para verem por onde fazer sua cidade.

135 — Todos, contam, saíram logo atraz d'elle para terra, quando elle chegou na foz do Ygarapé da Espuma disse:

136 — Por este ygarapé vocês hão de tirar tambóa (12) para fazer temboaká. (13).

137 — Allí será cidade de vocês.

138 — N'aquella ilha vocês hão de enterrar quem não tiver sangue de tuhixaua, seu nome é Cemiterio da Ilha da Mamanga. (14).

139 — Depois atravessou o rio, foi para o outro lado, ahí marcou o lugar dos tuhixauas e pajés.

140 — Voltou para o outro lado, ahí marcou outro lugar, disse:

141 — Aqui tambem é lugar de tuhixaua e pajés, nome d'elle é Karen-kotó, (15) d'aquelle outro é Mené-kotó. (16)

(11) *Kumunú áspa*: Banco de pedra ou lage. Lugar da Cachoeira do Caruru, que os Uananas mostram como o ponto onde caíram as lagrimas das estrellas de que elles se formaram.

(12) *Tembod*: Quartzo, de que é feita a pedra de tuhixaua.

(13) *Temboaká*: Pedra de chefe, usada como distinctivo pelos tuhixauas.

(14) *Besketeró Neskou Mahsacuro*: Cemiterio da ilha da Mamanga.

(15) *Karen Kotó*: Lugar de Abio ou Abiosal.

(16) *Mené Kotó*: Lugar de Ingá ou Ingasal.

- 142— Foi para o matto, ahi plantou semente de beé-rixá (17) disse:
- 143— Esta fructa é para comida de tuhixauas e pajés, não deixem ninguem levar para outra terra.
- 144— Agora já sabem o que devem fazer.
- 145— Depois chamou dois moços, disse:
- 146— Hoje de noite, quando todos estiverem dormindo, venham ter commigo aqui mesmo.
- 147— Sim, contam, responderam os moços.
- 148— Elles dormiram logo, no seu dormir apprenderam todos os segredos de pajé.
- 149— A' meia noite, contam, foram ter com Uansken, ahi elle disse:
- 150— Como agora vocês já são pajés, vão ouvir o que são de fazer.
- 151— Tu, Dianomion Iairo, ficarás para vigiar o logar dos tuhixauas e pajés.
- 152— Quando vocês ouvirem estrondo grande fazer
- 153— Tu vigiarás o Mené-kotó, Dianomion Iairo vigiará o Karen-kotó.
- 154— Vocês ficam ahi para guardar a alma dos tuhixauas e dos pajés.
- 155— Quando vocês ouvirem estrondo grande fazer tramer a terra esse estrondo é a alma do tuhixaua que já saiu do corpo d'elle, foi ter com um de vocês.
- 156— Não deixem alma d'elles perder-se.
- 157— Vocês podem ahi dansar, não deixem alma de gente á toa entrar ahi.
- 158— Como agora já vocês sabem o que tem a fazer vão-se embora.
- 159— Elles, contam, voaram immediatamente.
- 160— N'esse mesmo dia Uansken mostrou tuhixaua d'elles, a elle deu o deposito dos seus distinctivos.
- 161— Em meio da noite toda gente viu uma escada descer do ceo, pôr os pés na Cachoeira do Caruru.
- 162— Por essa escada vieram todos Uansken subir para o ceo.

(17) *Beé rixá*: Corresponde a *Piranha cut* no *nheëngatú* Fruta de Gavião Tesoura ou Japacani.

É tão grande o zelo por essa fruta, que empregam todos os meios para evitar o ser levada por alguém.

Querendo eu trazer algumas fui vel-as e nenhuma trouxe por estarem ainda verdes. Quando fui vel-as de novo não encontrei uma só. Perguntei ao pajé que me acompanhava como se tinha dado aquillo: respondeu-me apenas que o pajé Japu tinha adivinhado que eu queria trazer-as para a minha terra, e por isso havia mandado derrubar todas ellas.

163— Desde esse dia ninguém mais a viu.

164— Depois de anno porção, contam, morreu aquelle principiador dos tuhixauas, em seu logar ficou um filho d'elle.

165— Os pajés, contam, guardaram logo alma d'elle, depois assopraram seus ossos, esses ossos viraram passaros bonitos, seu coração, já beijaflôr, subiu para junto de Uansken.





IV

OS UANANAS

Os Uananas, que parecem ter precedido os Tárias ou Tarianas na ocupação do Kaiari, com elles se confederaram depois de uma porfiada luta em que se empenharam por via dos Araras, achando-se hoje estreitamente ligados pelo cruzamento que entre elles se tornou de rigor.

Procurando indagar dos velhos si conservavam memoria de sua verdadeira origem, pude apenas alcançar que da bocca de seus antepassados sabiam terem elles subido o rio, vindo de uma cidade que ficava no meio de uma grande serrania, na beira de um lago chamado *Katiana*. A razão de haverem saído dessa cidade fôra o apparecimento ali de uma gente desconhecida. A origem corrente, no entanto, é a maravilhosa, referida na lenda.

Dizem elles mais que uma grande turma dos seus, logo após a guerra com os Tárias, havia partido d'aguas abaixo e fôz em fôra, indo estabelecer-se muito longe.

E' de notar-se existir no alto Purús uma nação com o nome de *Katiana*.

Para mostrar a sua antiguidade no rio contam os Uananas que os antepassados de seus antepassados deixaram dito que as figuras das pedras a começar da ilha da Jararaca tinham sido feitas pelos Pakarao, predecessores dos Tan Mahsan (em Uanana) ou Itá Mira (em Nheêngatú), cuja traducção é Gente de Pedra, e que foram estes o unico povo escapo da Agua Grande que San, fechando a bocca do rio, tinha accumulado depois de atear o fogo no matto geral.

Com esse povo se identificam elles, dizendo em seus cantos que, tendo todos morrido na Agua Grande, haviam ficado donos do rio.

As suas leis são as de Iurupari (Mahsankeró).

A entidade suprema, sujeita, como entre as demais nações, a contingencias humanas, é Uansken, creador de tudo. Mora no espaço, de onde muitas vezes tem baixado, voltando por uma escada que por si mesma se apresenta. A fumaça do seu cigarro, sempre embutido na grande piteira, é creadora. San, de quem acima falamos, é seu filho; está no tronco do céu para onde elle o mandou de castigo, por ter ateado o fogo no matto e feito a Agua Grande. O espirito máo é designado por Uanstenon.

Nos seus cemiterios somente pôde ser enterrada gente Uanana. Quando alguém de outra nação adocece de mal supposto de morte é logo obrigado a retirar-se dos seus dominios, e si é tão rapido o mal que não dê tempo a retirar-se, é conduzido o seu corpo. Esse costume, dizem elles, é para não haver confusão de almas nos seus cemiterios, destinados exclusivamente ao povo Uanana, em obediencia á palavra de Uansken.

O corpo das mulheres de tuhixaua é devolvido á sua terra e o das nobres Uananas, casadas com tuhixauas, é trazido para ser enterrado em um dos cemiterios proprios. Não cumprir esse costume seria motivo para hostilidade.

Os seus cemiterios (mahsænro: — onde a gente se deita) são ainda os mesmos de que a lenda nos fala e conservam os mesmos nomes de *Menikotó* (Ingazal) e *Karenkotó* (Abiozal) os destinados aos tuhixauas e pajés. Não tem mais, qualquer um delles, de oito metros de frente e outros tantos de fundo. A sua antiguidade pôde aquilatar-se pela grande porção de ossadas que ahí se acham em pilhas alastrando o solo e que, ao andar-se, estralam debaixo dos pés. Os pajés, encarregados de velar por elles, conservam tambem o nome de Munstero e de Dianomion.

O cemiterio do povo é igualmente ainda na ilha de Mamanga (Beskeró Neskon).

O tuhixaua tem sempre aviso de sua morte: é um estrondo medonho que rebenta em um dos cemiterios nobres fazendo assim: té...ke!

Desde esse momento o tuhixaua se sente logo doente. Não procura tratar-se, nem o pajé tenta fazel-o, porque esse estrondo não é mais do que a sua sombra ou alma que, saida já do corpo, chegou em um dos cemiterios á presença do pajé grande Munstero ou Dianomion, sob a guarda de quem fica immediatamente. O corpo tem ainda, a contar d'esse momento, uma lua de acção, dentro da qual entrega,

deante de todos, a munampire e adornos de tuhixaua, com que lhe não é dado enerrar-se por terem de passar como desde o principio do tuhixaua que morre ao que lhe succede, e diz as suas ultimas vontades. Desde esse momento, tambem, nada mais come, e si por acaso fôr bastante forte para resistir, já sem alma, á falta absoluta de alimentação, compete ao conselho dos velhos matar-lhe o corpo, visto ser então máaiua.

O novo tuhixaua, logo após o traspasse, declara de novo a todos, reunidos em volta do cadaver, as ultimas vontades do que foi. A esta cerimonia se segue a do choro e só no outro dia é feito o enterro no cemiterio de onde partiu o signal.

A sepultura, que costuma ter metro e meio de profundidade, é cavada por todos, cavando cada qual um pouco de modo a ninguem ficar sem fazel-o.

Sobre o seu fundo estivado a varas ou nu, conforme a derradeira vontade do morto, é elle estendido; a piteira, com o cigarro n'ella mettido, é-lhe posta na mão; uma metade de jamaru, com dois buracos correspondendo aos olhos, lhe cobre o rosto e á sua ilharga é posto um jamaru inteiro e secco, entre elles tido, talvez pelo rumor das suas sementes quando agitado, como talisman de fazer com que todos se recordem de um morto pelo contar de seus feitos. Cinhado em volta o corpo com alguns ossos, é-lhe lançada em cima a terra no meio de um grande silencio.

E' de noite, á meia noite d'esse mesmo dia, que o seu coração, virado beijaflôr, lhe sae do corpo e vae ter com Uansken, junto de quem fica para sempre. A alma, conservando a categoria que tinha quando reunida ao corpo, fica junto á sepultura velando por elle; a d'elle, no entanto, continuando embora tuhixaua, superior ao pajé, fica velando o seu sob o mando do pajé guardião das sombras no cemiterio de que tem o encargo.

A alma dos que não tiveram as virtudes que lhe deviam ser inherentes, tuhixaua, guerreiro, nobre ou plebeu, não fica velando o corpo; regressa, como castigo, á estrella por quem foi gottejado.

O choro grande é feito dez dias depois do enterramento.

Duas fogueiras, logo de manhã cedo, são accesas no terreiro. Cada homem traz uma vara pintada de urucu, franjada de tururi, tendo atado no meio um cordão de chocalhos (*uaidpa*) e chamada *neren koské*. Todos, em volta das fogueiras, começando pelo novo tuhixaua, principiam fazendo o choro que consiste, entre libações, em narrar os feitos e oizer as virtudes do morto. A's 6 horas da tarde são substituidos estes por outros que, por sua vez, ás 6 horas da manhã,

dão lugar a novo grupo. Assim se vão substituindo, até que todos tenham chorado.

Durante esta cerimonia, pela qual terminam os funeraes, as mulheres se vão reunindo por sua vez em casa da viuva, consolando-a.

As mulheres nobres são enterradas em torno das sepulturas dos homens a uma distancia de dois metros. Levam apenas o sendal, sendo posto a seu lado um pequeno jamaru.

O aviso de morte para alguém do povo é dado pela Ca-xoeira do Caruru.

E' prohibido casarem-se entre si os Uananas porque, dizem elles, não sairia d'esse consorcio gente boa. A lenda tariana "As duas moças Tárias e as duas moças Uananas" conta haver partido das mulheres esse costume que acabou por tornar-se lei.

Os filhos tomam a nação do pae.

O baptismo (*Mahkanaka basare*) é feito pelos velhos e pajés, sendo a sua cerimonia a mesma para todas as crianças e differindo sómente, consoante são meninos ou meninas, nos predicados para elles pedidos e que nada mais são do que os observados no ser de que tomaram o nome, a par de attributos humanos proprios ao sexo. Quando é menina pedem que ella seja fecunda, qualidade essencial na mulher; si é menino, pedem que seja valente, qualidade essencial no homem, sendo para todos dois pedida a lindeza. A estes se seguem os outros. Muitas vezes o nome é dado propositalmente, isto é, para que a criança, pela influencia d'esse nome, adquira o predicado que mais fere os sentidos no ser que representa.

Essa cerimonia, como a do baptismo de um menino a quem deram o nome de Dianomion (Pato), principia ás 6 horas da manhã, terminando ás 6 da tarde.

Enfileirados de uma para outra porta em duas filas os velhos e pajés, o primeiro d'elles á direita assopra ou consagra um pequeno jamaru cheio de caldo de mandioca misturado com o leite materno, entoando:

Meu coração, meu coração,
faz valente esta criança!
Faz bonito este caldo
para ella beber!

Em seguida, tirando com um gesto a alma da criança, leva-a ao cimo da mais alta serra, ahí então:

Nome delle é Pato
quando em terra e n'agua!
Ha de ser valente como elle
até morrer!

Dahi a vae conduzindo ao cimo de outras serras, onde entõa novos cantos. Essas serras são as de Kurikuriahi, Kabari, Kuriari, Kaburi, Tunuhi e Jacamim. Ao voltar da ultima d'ellas restitue a alma á criança e passa o jamaru ao seu visinho de fileira.

Este repete a mesma cerimonia e, depois d'elle, os seguintes, até chegar ao derradeiro da fileira. Ahi dão de beber á criança um pouco do conteúdo do jamaru, cabendo, então, á segunda fileira, continuar a cerimonia.

O baptismo está completo, quando o jamaru se acha esgottado pela criança.

Quando a criança é menina, ao completar tres annos, ha a festa do furamento das orelhas.

Depois de preparado o caxiri, o pajé, na presença de todos os convidados, começa, desde a bocca da noite, asso-prando a criança. Na manhã seguinte procede á operação, ceixando nos orificios feitos, para não se tornarem a fechar, duas fibras de piassaba.

A essa cerimonia se segue, em tempo proprio, a da entrada na puberdade, chamada *Kamon numian kosóa* (Banho de sangue da donzella), cujos detalhes são os seguintes:

Ao apparecar dos primeiros signaes d'essa entrada, levantam logo dentro de casa um quarto de talas de caraná, onde, ao vir do sangue, é ella encerrada. Emquanto dura esse periodo ella nada come, bebendo apenas agua assoprada pelo pajé.

Terminado o sangue é conduzida, por entre fumigações, sem ser vista de homem, pelas velhas da cidade, ao porto; ahi toma banho, voltando novamente para o quarto.

Desse dia em diante, até findar a lua, consiste a sua alimentação em maniauára e curadá.

No principio da lua seguinte, toda a gente da cidade vae para a festa da sua puberdade.

Os velhos, munidos cada qual de um pequeno cigarro, ficam do lado de fóra, em volta do quarto, onde ainda se conserva a mocinha. Ahi o pajé maior, isto é, aquelle que tem maior numero de folegos, assim começa, tendo nas mãos o cigarro grande:

Lua, eis aqui uma mulher que Mahsankeró por
tuas mãos deflorou, me ajuda a fazel-a perfeita para
a darmos ao Sol!

Fala bonita como tu;

que não goste de saber o que se passa no meio
dos outros;

que saiba guardar no coração o que não é bom
que os outros saibam;

que tenha coração paciente;
que não queira experimentar de tudo quanto
lhe parece bom!

Essas exhortações, além de outras, são feitas no cimo das serras de que atrás fallamos, onde o pajé conduz a alma da nova donzella. Após esse pajé se segue o primeiro á direita, a quem elle entrega o cigarro grande, e a este se vão succedendo os mais, até ao derradeiro. Estes pajés, que tem de conduzir de serra em serra a alma da donzella, jejuam tambem durante uma lua afim de não estarem, no momento cessa cerimonia, ensaroados.

Finda ás 6 horas da tarde esta cerimonia, é levada a moça para a sala; ali é formada em torno d'ella uma grande roda, dentro da qual entram dois moços.

O pajé maior começa a defumal-a com a fumaça do seu cigarro; depois estende-lhe os braços para a frente. Um dos moços toma-a por elles, o segundo a segura pelos pés e ambos, então a erguem no ar, á altura das mãos, ficando ella, com o corpo retesado, de costas para cima.

O pajé dá duas voltas em torno d'ella, depois pára, dá-lhe duas fortes cipoadas de adabi; todos os convidados repetem o mesmo, sem que ella solte um só gemido.

Os moços, finda a flagellação, põem-na de novo em pé. Ali lhe são logo cortados rentes os cabellos e todos, ao vel-os cortados, rompem assoviando e gritando eh!..., como saudação e contentamento, por contarem mais uma moça.

As mulheres tomam conta d'ella então e, por entre novas fumigações, a conduzem ao rio para ali banhar-se com a casca de japacani.

Depois do banho volta para a sala, onde lhe é dada, em falta de jeju, carne de tatú, porque, dizem elles, o tatú é o unico animal que em si contém a carne de todos os outros.

O mesmo theor é seguido para todas as moças; para as nobres, contudo, essa cerimonia leva cinco luas, sendo a sua comida assoprada por Mahsankeró, e sendo filha de tuhixaua e coberto o seu corpo com pennugens de gavião.

A *Kamuano nindé*, ou iniciação dos rapazes nos costumes de Mahsankeró, é feita em duas épocas.

Quando elles chegam á idade dos oito annos, os paes e parentes os encerram todos em um compartimento da casa, onde os fazem jejuar durante uma lua a juquytaia e beiju.

No dia marcado para a festa, logo de manhã cedo, todos os pajés e velhos do conselho começam a assopral-os, applicando-lhes de tempo a tempo algumas cipoadas precedidas de conselhos.

Ao desaparecer do sol d'esse dia, já reunidos e munidos cada um de um adabi, todos os homens fazem na sala grande uma roda. A um signal convencionado os meninos, carregados cada qual por um homem, são trazidos para dentro da roda.

A um novo signal fazem-se ouvir immediatamente, do lado de fóra, os instrumentos de Iurupari.

O pajé, ou mais velho do conselho adeanta-se então, colloca-se em frente dos meninos e assim lhes falla:

Vocês vão principiar a entrar no conhecimento dos Costumes de Iurupari.

Elle ha de um dia apparecer para vocês.

Elle sabe de tudo quanto se passa em cima da terra e por nossa mão matará quem tiver coração fraco para as mulheres e para ellas contar os segredos d'elle.

Seus costumes mandam mostrar hoje para vocês os seus instrumentos.

Esses instrumentos não se mostram, nem se conta como é geito d'elles, para as mulheres, porque são segredo. Quem assim não fizer Iurupari o ha de matar pelas nossas mãos, por isso o que se passar pelos olhos de vocês não contem á mulher.

Ditas estas palavras elle os vae açoitando a todos, cada um por sua vez, conservando-se elles de pé, com os braços levantados.

A elle se seguem os outros velhos do Conselho, repetindo as mesmas palavras e findando tambem por açoitá-los.

A' meia noite entram os instrumentos de Iurupari. Cada menino é levado então perante os instrumentos pelo padrinho que o havia trazido nos braços para o meio da roda. Ahi, açoitando-o com o adabi ao passar de um para outro, lhe vae elle mostrando todos os instrumentos.

Vem logo depois d'isso a dança da flagellação final, que termina as cerimoniaes. Consiste ella em dansarem os assistentes em torno dos iniciandos, já reunidos outra vez no meio da roda grande, açoitando-os a compasso conforme a cadencia do maracá, até ao romper do dia.

Os iniciandos vão então banhar-se e lavar no rio o sangue que lhes corre do corpo; os instrumentos são reconduzidos ao seu esconderijo, todos os convidados se retiram e as mulheres, que tinham sido afastadas para longe com todas as crianças, recebem aviso de voltar para casa.

Esta primeira iniciação exerce uma grande influencia nos iniciandos. Tornam-se graves, parecendo haverem-se para sempre despedido da infancia. A flagellação, cujos signaes perduram por muito tempo e que, na festa da puberdade das moças symboliza as vicissitudes dolorosas da nova idade em que acabam de entrar, — significa, para elles, que devem con-

servar sempre viva a lembrança de tudo que lhes foi revelado e, resistindo a todas as seducções, de tudo guardar completo segredo. Por isso uma parte d'elles, ou porque não tenha confiança bastante em si mesma para esconder o que se passou, ou porque a respeito procure evitar allusões e perguntas, vive, desde esse dia, afastada de suas mães.

A segunda iniciação, que completa a *Kamoano nindé*, e na qual, como lhes foi prometido, apparece Mahsankeró, só se realiza quando n'elles se patentea a aptidão para fecundar.

Para preparal-os a receber-a recolhem-nos ao jejuario, quarto cujas paredes são feitas de talas de caraná, bem unidas, pintadas, em cima, de uma faixa preta, em baixo de uma faixa de urucu, tendo entre ellas duas uma cinta de pennas de gavião real. Ahi ficam por espaço de duas luas, sob a rigorosa vigilância dos velhos escolhidos para guardal-os, alimentando-se apenas, durante a primeira lua, de ovos assados de caba e beiju, em pequena quantidade, e, durante a segunda, de maniuara. De fórma alguma podem communicar-se com os de fóra e muito menos ver mulher ou com ella fallar, para não destruir o effeito do jejum nem se ensaruarem.

Ao apparecer da terceira lua, afastadas para longe, depois de preparados os mantimentos e bebidas, todas as mulheres e crianças começam no dia marcado as diversas cerimonias da iniciação, sendo logo de manhã cedo trazidos e tocados em roda do jejuario os instrumentos sagrados.

A's 6 horas, já reunidos na sala grande todos os homens, principiam os pajés a assoprar os adabis; os velhos do conselho, fumando os cigarros grandes de boquilha, ajudam a assopral-os. Assim passam todo o dia, sem comer, bebendo apenas.

Ao anoitecer os velhos distribuem os adabis; todos os presentes, então, formam duas alas de porta a porta, ficando os velhos e pajés nas extremidades. Dado um signal, começam cahindo do jejuario os iniciandos em grupos de quatro. Assim vão passando por entre as duas alas, sob o repetido açoite dos adabis, até chegarem ao banco para elles destinado e posto ao fundo, no fim das duas alas, onde se sentam.

Essa flagellação tem por objecto acabar de purifical-os, afugentando qualquer veneno que o jejum não tenha tirado.

Após ella vão banhar-se no rio.

Ao voltarem tornam a passar, debaixo de açoite, por entre as duas alas, indo sentar-se novamente no banco.

A cada um d'elles entregam então um adabi, fazendo-os entrar na roda dansante para a dança chamada do adabi.

Esta dança é formada por um grande circulo. Os danzantes põem a mão esquerda, passando-a por detraz, no

hombrô esquerdo do outro, e assim ligados agitam nos ares o adabi segundo a cadencia do maracá, entôando ao mesmo tempo as seguintes invocações ao Sol (Sen), á Lua (Sen, igualmente) e ao Sete-Estrello (Itapitientára):

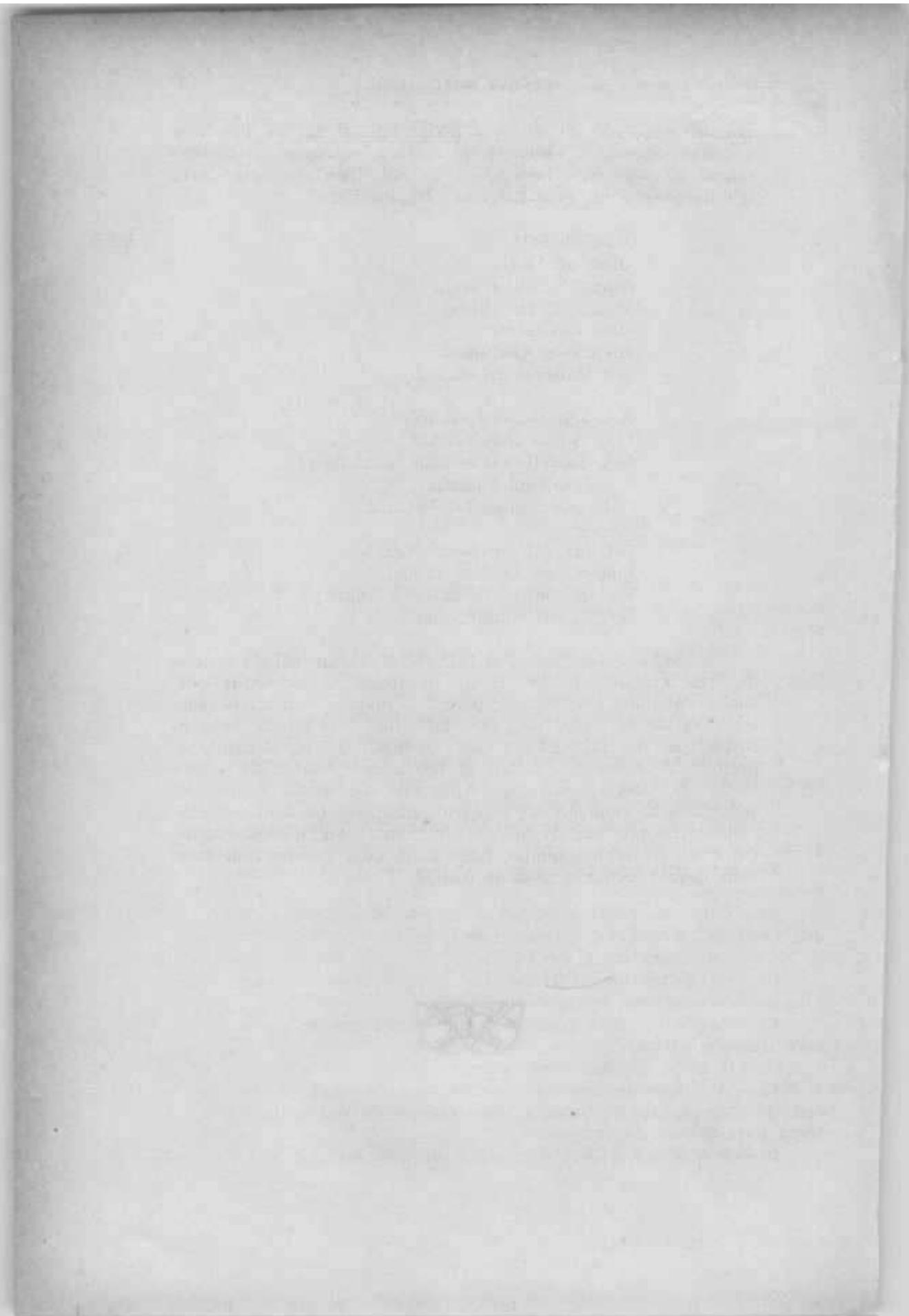
Olha, oh Sol!
Olha, oh Lua!
Olha, oh Sete-Estrello
Vejam nossos filhos,
elles vão entrar
nos nossos Costumes
que Mahsankeró ensina.

Sol, aquece seus corações!
Lua, esfria suas raivas!
Sete-Estrello faz as suas fallas doces
e que saibam guardar
tudo que Mahsankeró ensina.

Sol, faz valentes seus corações!
Lua, adoça as suas fallas!
Sete-Estrello, ensina-os a fugir
De um dia contar tudo.

Acabados esses cantos, os iniciandos entram para o centro da roda grande, onde recebem, de todos, novos açoites de adabi, voltando, em seguida, para o jejuario, conduzidos pelo mais velho do Conselho. Por este lhes é contada toda a Instituição de Mahsankeró, com excepção do que sómente é permittido contar aos velhos já provados e conhecidos como fortes de cabeça e coração. Após elle os tocadores, que os acompanham tambem ao jejuario, mostram os seus instrumentos um por um, dizendo o seu nome e significação, açoitando-os ao mesmo tempo, para mais uma vez lembrar-lhes nada devem contar a respeito d'elles







V

GUERRA DOS UANANAS

1— Ha muito tempo, contam, appareceu aqui um moço bonito que vinha de baixo, disse ao tuhixaua dos Uananas assim:

2— Tuhixaua, meu pae manda chamar-te para ires ter com elle com toda a tua gente.

3— No fim d'esta Lua elle espera por ti.

4— O tuhixaua dos Uananas, contam, perguntou:

5— Moço, quem é teu pae, onde está a terra de vocês?

6— Ainda não ouvi que haja outra gente n'este rio depois da Gente Arara.

7— O moço, contam, respondeu:

8— Meu pae, Dono deste rio, não sabe que tenha outra gente por aqui.

9— Este Sol, esta Lua, este rio, esta terra, de tudo é Dono meu pae.

10— Como meu pae quer saber da tua bocca mesmo o que fazes na terra d'elle, manda chamar-te.

11— Sim, volta, diz a teu pae:

12— Os Filhos das Estrellas de Uanken irão ter com elle quando esta Lua desaparecer.

13— Agora diz bem para mim aonde é terra de vocês para irmos lá direito.

14— O moço, contam, respondeu:

15— A cidade de meu pae fica de baixo do meio d'este ceo, de onde a Lua costuma a tirar sangue de seu peito á terra para belleza das moças.

16— Nós somos Filhos de Sangue de Trovão.

17 — Então, contam, disse o tuhixaua:

18 — Agora sim, já sei onde é terra de vocês.

19 — Diz a teu pae que ahí vou ter com elle no Sol da outra Lua Nova.

20 — O moço, contam, desceu logo para o porto, impelliu canôa d'elle para o meio da caxoeira, por ella correu d'agua abaixo.

21 — Uma filha do tuhixaua que tinha visto esse moço correr pelo precipicio da caxoeira foi logo para casa, ahí disse ao pae:

22 — Pahi, tu já viste será gente correr esta caxoeira aonde a morte está fervendo?

23 — Em verdade ainda não.

24 — Agora mesmo eu vi esse moço correl-a sem medo.

25 — Antes d'elle partir olhou para mim com amor, eu tambem do mesmo geito olhei para elle.

26 — Seu pae, contam, respondeu:

27 — Esse moço não correu esta caxoeira medonha por ser valente, elle a correu porque ficou doido por teus olhos.

28 — A moça, contam, disse:

29 — Pahi, tu dizes que meus olhos endoideceram esse moço, acredita, coragem d'elle tambem me endoideceu.

30 — Por isso agora quero casar com elle.

31 — Qual d'entre nós passou já será por cima da morte como esse moço?

32 — Uatarampuá, (1) esse moço que é o mais valente dos de nossa terra, que era para casar commigo, ainda não correu esta caxoeira.

33 — Como nossos costumes mandam filha de tuhixaua casar com o mais valente, sou agora quinhão d'esse moço.

34 — Seu pae, contam, ficou triste, olhou para ella, disse:

35 — Pitiápo, (2) então esqueceste já que vas casar com Uatarampuá?

36 — Já não te lembras que elle é o mais valente dos da nossa terra?

37 — Pitiápo, contam, respondeu:

38 — E' mesmo certo o que estás dizendo, por isso póde ser meu marido depois de correr esta caxoeira como esse moço.

39 — Seu pae, contam, respondeu:

40 — Tu mesma dirás teu desejo para Uatarampuá.

41 — Essa mesma tarde, contam, chegou Uatarampuá com seu pae Iauhixa, Pitiápo disse para elle:

(1) *Uatarampuá*: Aracuan.

(2) *Pitiápo*: Surukuá dourado de peito encarnado.

42 — Uatarampuá, como é de nossos costumes filha de tuhixaua casar com o mais valente de todos, hoje mesmo quero que corras esta caxoeira como o filho do tuhixaua da Gente do Sangue de Trovão.

43 — Uatarampuá correu logo os olhos pela caxoeira, depois disse:

44 — Antes d'este Sol se sumir tu me verás também correr esta caxoeira.

45 — Elle desceu immediatamente para o porto, embarcou n'uma canôa, depois disse:

46 — Pitiápo, não é só esse moço que é valente.

47 — Depois de eu correr esta caxoeira hoje mesmo nos havemos de casar, porque quero amanhã matar esse feiticeiro que te endoideceu.

48 — Pitiápo, contam, respondeu logo:

49 — Sim, assim havemos de fazer.

50 — Uatarampuá, contam, disse ainda:

51 — Vigia, Pitiápo, eu também sou valente!

52 — Sem mais demora, contam, lançou a canôa para o meio da caxoeira, quando chegou no medonho d'ella desapareceu.

53 — Seu pae Iauhixa, que estava também na beira da caxoeira, quando o viu desaparecer fez hum!...

54 — Rosto delle ficou logo triste.

55 — Toda a gente que estava olhando correu pela beirada, procurando Uatarampuá.

56 — Pitiápo estava sentada, olhava direito d'agua abaixo, tinha alegre seu rosto.

57 — Já na Iandu-Caxoeira, (3) contam, acharam um pedaço da canôa de Uatarampuá.

58 — Já somente antes da noite, contam, chegou a gente, todos choravam.

59 — O pae de Pitiápo foi buscal-a no porto, ahí ella disse:

60 — Pahi, eu vejo parece por traz d'aquella pedra esse moço que hoje aqui veio.

61 — Seu pae, contam, disse:

62 — Minha filha, vê como Uatarampuá te queria bem!

63 — Elle não teve medo de morrer mesmo em frente de teus olhos!

64 — Que vamos agora fazer?

65 — Pitiápo só respondeu:

66 — Me leva para essa terra que fica em baixo do meio do ceo, ahí me casa com esse moço valente.

(3) *Iandu-Caxoeira*: Caxoeira da Aranha.

67 — Iauhixa também veio para casa, ahí encontrou toda a gente chorando, disse:

68 — Para que estão vocês todos chorando, quando deviam todos estar alegres?

69 — Eu, pae de Uatarampuá, não choro.

70 — Meu filho, é certo, já morreu, eu fiquei para vingal-o.

71 — Quem diria que Uatarampuá, por causa de mulher, iria metter-se na bocca da morte?

72 — Em verdade nossos corações não pensam como um só, porque eu, pae de Uatarampuá, nunca chorei atraz de mulher!

73 — Vocês todos ouviram Uatarampuá dizer antes de morrer:

74 — Depois de correr esta caxoeira hoje mesmo nos havemos de casar, porque amanhã quero matar esse moço que te endoideceu.

75 — Por isso, como elle morreu, you eu vingal-o.

76 — Agora mesmo vou correr esta caxoeira para amanhã estar na frente d'esse feiticeiro.

77 — Pitiápo, si eu morrer na caxoeira, tens tres luas para esconderes esse que tem de ser teu marido.

78 — Depois de assim dizer Iauhixa desceu para o porto, atraz d'elle também foi toda a gente.

79 — Elle embarcou, contam, na ubá, lançou-a para o meio da caxoeira.

80 — Como era luar bonito, todos o viram correr d'agua abaixo, branco da sua cabeça não fazia mais do que ir andando.

81 — Ahí mesmo já Pitiápo começou chorando, disse a seu pae:

82 — Pahi, vê como eu sou desgraçada!

83 — Nossos costumes mandam filha de tuhixaua casar-se com o moço que é mais valente.

84 — Eu encontrei-o, depois vi outro mais valente do que elle para dono de minha vida, agora o tuhixaua Iauhixa se esquece de nossos Costumes, quer matal-o!

85 — O Sol de amanhã já me ha de encontrar na terra da Gente de Sangue de Trovão.

86 — Vou contar para elle o que teu cunhado Iauhixa lhe quer fazer.

87 — O pae de Pitiápo não ouviu o que ella dizia, seus olhos estavam direitos na Lua.

88 — Pitiápo saiu logo de casa, contam, com outras moças.

89 — Já para de manhã, contam, o tuhixaua ouviu os instrumentos de Iurupari para as bandas da cidade da caxoeira do Uaraku Kakuri. (4)

90 — Elle então lembrou-se já que n'esse dia ia começar a Festa da Iniciação em outra cidade que ficava um pouco acima da sua.

91 — Já então, contam, entrou para casa, foi deitar-se, ahí mesmo dormiu.

92 — Quando acordou Sol d'esse dia já se ia sumindo.

93 — Ao mesmo tempo, contam, os homens da cidade do Uaraku Kakuri também acordaram.

94 — Elles eram, contam, para carregar os meninos n'essa festa do Iurupari, partiram sem demora. (5)

95 — Quando elles lá chegaram a festa já estava.

96 — Como outros já carregavam as creanças esses homens volta-am logo zangados para a sua cidade.

97 — Só tuhixaua d'aquí, pae de Pitiápo, com sua gente, dansaram lá.

98 — Os do Uaraku Kakuri disseram logo que iam fazer sua Festa da Iniciação sem convidar essa gente que não tinha esperado por elles para começar a sua.

99 — Tres dias depois toda a gente ouviu os instrumentos de Iurupari soarem para as bandas da cidade do Uaraku Kakuri.

100 — Como a outra Festa da Iniciação ainda não tinha acabado, todas as mulheres estavam n'uma casa grande de frente do Uaraku Kakuri, d'ahí viram os instrumentos de Iurupari.

101 — No outro dia, contam, acabou essa festa.

102 — As mulheres então voltaram d'essa casa grande, disseram:

103 — Para que é que vocês escondem de nós os instrumentos de Iurupari?

104 — Os homens do Uaraku Kakuri não são como vocês.

105 — Elles começaram hontem sua Festa da Iniciação, logo de manhã saíram do porto, bem bonito dansaram pelo terreiro, estavamos vendo seus instrumentos!

106 — O coração dos homens, contam, tremeu logo.

107 — Ahí já mesmo o tuhixaua de Karuru-Caxoeira com o outro tuhixaua d'essa cidade partiram para a do Uaraku Kakuri, disseram:

108 — Vocês são todos será Filhos das Estrellas de Uansken!

(4) *Uaraku Kakuri*: Cacuri do Aracu. Dão-lhe os Uanas o nome de *Buté Uairó*, que vale o mesmo.

(5) *Mamuano nindé*: Festa da iniciação dos meninos nos segredos de Iurupari.

- 109 — Todos, contam, responderam:
- 110 — Sim!
- 111 — E' certo mesmo será!
- 112 — São vocês mesmos será que tomaram os Costumes do Filho do Sol!
- 113 — Elles responderam:
- 114 — Nós mesmos.
- 115 — Como então vocês deixaram as mulheres verem os instrumentos de Iurupari?
- 116 — Todos esses homens, contam, lhe perguntaram logo:
- 117 — Que mulher viu nossos instrumentos?
- 118 — O tuhixaua respondeu:
- 119 — Aquellas que estavam acolá mesmo de frente, quando vocês dansaram pelo terreiro.
- 120 — Todos esses homens, contam, disseram immediatamente:
- 121 — Essa que viu morrerá!
- 122 — O tuhixaua respondeu:
- 123 — Ellas não viram de coração.
- 124 — Vocês, homens sem cabeça, é que os mostraram, sem desconfiar que ellas estavam de frente.
- 125 — Todos os homens gritaram:
- 126 — Ellas morrerão!
- 127 — Esses dois tuhixauas bradaram então:
- 128 — Não hão de morrer essas mulheres, porque Iurupari bem sabe não foi de vontade que ellas viram seus instrumentos.
- 129 — Immediatamente, contam, esses tuhixauas embarcaram na ubá, atravessaram o rio para ir defender essas mulheres.
- 130 — Os da cidade do Caruru se juntaram logo aos da outra cidade para esperar os do Uaraku Kakuri.
- 131 — No outro dia, contam, os do Uaraku Kakuri atravessaram para matar as mulheres, quando ahi chegaram viram gente, gente, defendendo a cidade.
- 132 — Elles voltaram sem demora para a sua cidade, começaram fazendo frecha para ir matar toda aquella gente.
- 133 — Assim, contam, passou porção de luas.
- 134 — Os dois tuhixauas já não desconfiavam de nada, dispersaram a gente.
- 135 — Um dia, contam, antes do Sol se sumir, os do Uaraku Kakuri atravessaram para lá, ahi accenderam fogo na casa.

136 — Como ninguem ahi estava todas as cousas pegaram fogo, o tracano (6) d'elles queimou tambem.

137 — Quando os dois tuhixauas viram o que essa gente tinha feito foram logo vingar-se.

138 — Gente! gente, contam, morreu na cidade do Uaraku Kakuri, somente alguns, contam, escaparam.

139 — Quando esta briga terminou já porção de luas se tinham passado, o pae de Pitiápo voltou então já para a cidade, quando ahi chegou perguntou á mulher d'elle:

140 — Minha mulher, onde esta Pitiápo?

141 — Mulher d'elle, contam, respondeu:

142 — Já duas vezes uacu florou que Pitiápo se sumiu d'aqui com outras moças.

143 — Para onde?

144 — Ninguem sabe, sumiu-se d'aqui n'esse dia da morte de Uatarampuá.

145 — Essa noite, contam, Pitiápo, depois de Iauhixa correr a caxoeira, desceu o rio.

146 — Dois dias depois, contam, ella chegou com suas companheiras na Iauaraté Caxoeira, (7) viu logo a cidade da Gente de Sangue do Trovão.

147 — Alguns moços, contam, estavam na lage, viram gente vir vindo de cima, correram ter com o tuhixaua a contar que vinha vindo gente de cima.

148 — Trocano immediatamente reuniu gente para encontrar a Gente das Estrellas de Uansken.

149 — Quando o tuhixaua chegou no porto encontrou sómente moça porção, perguntou:

150 — Quem são vocês, de onde vêm?

151 — Pitiápo, contam, respondeu:

152 — Eu sou filha do tuhixaua da Gente das Estrellas de Uansken, venho contar que meu pae não vem ter comtigo ainda porque Iauhixa, tuhixaua da Gente Arara, está zangado com elle.

153 — Pelos nossos Costumes filha de tuhixaua casa somente com o que é mais valente, venho pedir de tí teu filho

(6) *Trocano*: Adaptação portugueza de *torokana*, termo por sua vez recebido pelo *nheêngatú*. Instrumento indigena conhecido.

(7) *Iauaraté-Caxoeira*: Caxoeira da Onça. É a terceira, subindo o rio. O vocabulo *caxoeira* adaptou-se ao *nheêngatu* tomando a fórma *kaxiuêra*. O portuguez o *restabelece*, guardando no entanto o termo e genitivo *nheengatus*. D'ahi o dizer geralmente o portuguez *Iandu-Caxoeira* (Caxoeira da Aranha), *Karuru-Caxoeira* (Caxoeira do Caruru), etc., enquanto o *nheengatu* diz *Iandu Caxiuêra*, etc.

para meu marido, porque elle é o mais valente de todo este rio.

154 — Elle correu a caxoeira da minha terra, onde o filho de Iauhixa morreu, d'ahi já para Iauhixa ficar como teu inimigo.

155 — Teu filho mesmo te ha de contar, já tres vezes nossos olhos se casaram.

156 — O tuhixaua, contam, perguntou:

157 — Como quiz Iauhixa ficar meu inimigo?

158 — Pitiápo, contam, respondeu:

159 — Como já contei para ti, pelos nossos Costumes filha de tuhixaua só se casa com o mais valente dos da terra.

160 — Como eu vi esse teu filho, que foi chamar meu pae, correr a minha caxoeira, para elle se voltou logo meu coração, porque elle é o mais valente.

161 — Nunca ninguem correu minha caxoeira, só teu filho ainda a correu.

162 — Uatarampuá que ia casar commigo, quando contei que teu filho era mais valente do que elle, respondeu:

163 — Antes d'esse Sol se sumir eu correrei esta caxoeira, hoje mesmo, quando eu voltar, nós nos casaremos, porque amanhã quero matar esse feiticeiro que te endoideceu.

164 — Elle embarcou immediatamente na ubá, lançou-se para o meio da caxoeira, ali se sumiu.

165 — Iauhixa, seu pae, embraveceu logo, prometeu vingar seu filho.

166 — No meio da sua loucura metteu-se na caxoeira, nada menos que bonito correu d'agua abaixo.

167 — Penso que Mãe da caxoeira não o quiz tragar por elle já ser velho.

168 — Agora vae mandar bulir contigo para depois acabar com vocês.

169 — O tuhixaua, contam disse:

170 — Toda gente sabe que Buopé, tuhixaua dos Tárias, não tem medo.

171 — Hoje mesmo tu vaes casar com meu filho Parima, as tuas companheiras tambem se casarão.

172 — Essa mesma noite, contam, Pitiápo com suas companheiras se casaram n'essa terra.

173 — Os homens d'essa terra todas as noites iam para a Serra do Iurupari, (8) dansar o Iurupari.

174 — Pitiápo, contam, ficou logo feia por seu marido não a levar com elle.

(8) A Serra do Iurupari é uma terra alta que fica atraz da Iauaraté-Caxoeira.

175 — Um dia, contam, Pitiápo disse para as suas companheiras:

176 — E' melhor fugirmos ainda para nossa terra, porque nossos maridos irão atraz de nós, então havemos de dizer a elles:

177 — Vocês são corações amargosos, não dansam com as mulheres, que querem agora de nós?

178 — Nós voltaremos com vocês si vocês dansarem conosco na terra de vocês.

179 — Si elles não quiserem assim não os deixaremos voltar da nossa terra.

180 — E' bom será o que estou dizendo!

181 — Todas, contam, responderam:

182 — E' bom assim.

183 — Essa mesma noite, contam, ellas fugiram, levaram com ellas uma filha de Buopé que se chamava Dassuen. (9).

184 — Em quanto assim se passava Iauhixa pensava como bulir com os Filhos de Sangue do Trovão.

185 — Buopé tinha um filho creança ainda que andava ás costas do maku.

186 — Um dia o maku foi com elle para a beirada da Uarakapá Caxoeira (10) comer mel do matto.

187 — Com o cortiço estava no galho de um pau grande, o maku deixou a creança no chão, trepou.

188 — Enquanto elle estava em cima, gente de Iauhixa matou de frecha essa creança.

189 — Quando desceu encontrou a creança sem vida, cheio de frechas.

190 — A gente de Iauhixa depois de matar o filho de Buopé voltou.

191 — O Maku voltou sem demora com o corpo da creança, quando chegou em casa contou como se tinha passado esse caso.

192 — Iauhixa desde esse tempo esperou que Buopé fosse vingar seu filho.

193 — Buopé soube logo que foi Iauhixa que mandou matar seu filho, porque Pitiápo já tinha contado a elle a braveza de Iauhixa.

(9) *Dassuen*: Nome tariana de um passaro azul de pescoço roxo. Conforme a orthographia adoptada para o nheengatu e todas as linguas faladas pelos indios, o *s* tem sempre o valor de *ss*, devendo ser portanto *Dassuen*.

(10) *Uarakapá Kaxoeira*: Caxoeira do rio Papuri, que deflue logo acima da Iauaraté-Caxoeira, á margem direita. *Uarakapá* significa *rodella de canôa* em nheengatu.

- 194 — No outro dia, contam, pito chamou gente.
- 195 — Essa mesma tarde, contam, Buopé partiu com seus guerreiros para a terra de Iauhixa.
- 196 — Deis dias depois elle chegou na bocca do Ygarapé do Arara, (11), saiu immediatamente para terra, ahi disse a Iauhixa:
- 197 — Iauhixa, não te julgava homem sem coração.
- 198 — Que te fez meu filho, uma creança ainda, para mandares matar-o?
- 199 — Tua raiva já eu conhecia por bocca de Pitiápo, só não sabia que eras um cobarde que se vinga em creança.
- 200 — Como não sou cobarde como tu, tres dias eu te dou para preparares tuas frechas.
- 201 — Eu venho para matar tudo quanto é gente Arara.
- 202 — Boupé voltou depois com seus guerreiros para a Ilha do Arara.
- 203 — No fim d'esses tres dias Boupé atravessou para o tronco do Banco do Gavião. (12).
- 204 — Deante d'elle seus guerreiros iam tocando iauikatariampe.
- 206 — Quando chegaram no porto da cidade Arara Buopé disse:
- 207 — Iauhixa, teu cabelo branco não aconselha teu coração para seres sisudo.
- 208 — Buliste com os Tárias, agora vocês todos morrerão.
- 209 — Olha pela derradeira vez este Sol que vae ver sumir de cima da terra a Gente Arara!
- 210 — Immediatamente Buopé tocou no iauikatariampe o canto da morte.
- 211 — O combate começou logo.
- 212 — Iauhixa estava com seus guerreiros em cima do Banco do Gavião, d'ahi começara freshando nos Tárias.
- 213 — As frechas de Iauhixa caíam á tóa em cima d'elles porque encontravam nos seus escudos.
- 214 — Quando acabaram as frechas os Araras rolaram paus grandes para cima d'elles.
- 215 — Os Tárias encostaram seus escudos um no outro, esses paus batiam nelles, pulavam por cima, iam cair dentro d'agua.

(11) *Arara Ygarapé*: Ygarapé da Arara. Fica logo abaixo da Kaaruru-Kaxiura, na margem esquerda.

(12) *Banco do Gavião*: Terra alta na margem esquerda do Ygarapé da Arara, em frente da ilha da Arara. Ahi começavam as defesas, dos Uananas, que chamam *Kakumuno* ao mesmo Banco.

216 — Já de manhã, contam, os Tárias subiram para onde elles estavam.

217 — Ahi os Tárias foram matando os Araras um por um.

218 — Quando já só restavam Iauhixa, sua mulher, seus filhos, Buopé, contam, disse:

219 — Iauhixa, agora estás na minha frente, vamos combater, porque assim é costume de homem, não como tu fazes, tu que mandaste matar minha creança.

220 — Vamos, frecha de pressa em mim antes de morrer!

221 — Ahi já mesmo, contam, Iauhixa frechou, nada menos que bonito, Buopé aparou seus curabis.

222 — Quando Iauhixa acabou Buopé disse:

223 — Coitado de ti, para que buliste com os Tárias?

224 — Immediatamente Buopé o frechou direito no coração, elle caiu, morreu.

225 — Mulher d'elle correu do quarto, abaixou-se junto de Buopé, disse:

226 — Gente ruim, frechem aqui!

227 — Sem ninguem, contam, saber como, veio já de fóra, contam, uma frecha que a atravessou direito, ella caiu sem vida.

228 — Buopé entrou no quarto, ahi encontrou os filhos de Iauhixa, ainda verdes eram todos elles.

229 — Elle, contam, disse:

230 — Si meu coração fosse ruim como o coração do pae de vocês eu mataria agora vocês todos.

231 — No outro dia Buopé partiu com a gente d'elle para a sua terra.

232 — Os Uananas, contam, ficaram logo feios quando souberam que Buopé tinha acabado com os Araras seus cunhados, falaram em ir vingal-os.

233 — Pitiápo estava enraivada por seu marido não ter vindo atraz d'ella, por isso fazia tambem enredo feio contra os Tárias.

234 — Buopé tinha no meio dos Uananas quem contava para elle tudo o que lá se passava.

235 — Ainda essa Lua não tinha acabado, já elle sabia que os Uananas vinham guerrear contra elle.

236 — Immediatamente, contam, mandou fazer uma trincheira na Serra do Iurupari, ahi se meteu com a sua gente.

237 — Por baixo da terra, contam, havia caminho por onde os seus guerreiros saírem para cercar seus inimigos.

238 — Dassuen, contam, tinha um tenten seu xerimbabo, todo o dia esse tenten ia chorar junto de Buopé.

- 239 — Os pajés viram por meio da sua sombra o que elle contava, depois disseram a Buopé:
- 240 — Pitiápo, mulher de Parima, está fazendo enredo feio contra nós.
- 241 — Dassuen dá conselho para ella, ella não ouve.
- 242 — Dassuen viu como de verdade Pitiápo fazia enredo grande contra seu pae, disse, contam, a ella:
- 243 — Pitiápo, tu, parece, não queres bem a teu pae e á sua gente.
- 244 — Tu pensas será que voltam aquelles que vão combater contra meu pae?
- 245 — Não é de hoje que meu pae guerreia, tu verás quem volta de lá.
- 246 — Nosso principio é Sangue de Trovão.
- 247 — Pitiápo, contam, respondeu:
- 248 — Então, Dassuen, que nosso principio são as Estrellas de Uansken?
- 249 — Nós nascemos do Fogo do Ceo, por isso os Uananas hão de matar toda a gente de teu pae.
- 250 — Dassuen, contam, disse:
- 251 — Esse Fogo do Ceo, este Sol mesmo, sabem como meu pae e sua gente combatem.
- 252 — E' melhor nós duas ficarmos juntas para chorar a desgraça da gente de teu pae.
- 253 — Pitiápo, contam, disse:
- 254 — Sim, havemos de ficar juntas para chorar a morte do teu porque o meu não ha de morrer.
- 255 — Munstero Iairo, pae de Pitiápo, com toda a gente d'elle, partiu no principio d'essa Lua para a terra dos Tárias vingar Iauhixa.
- 256 — Quando chegou na Iauaraté Caxoeira Munstero Iairo começou batalhando.
- 257 — Elles seguiram logo para a Serra do Iurupari, ahi quizeram saltar uma trincheira, não houve como.
- 258 — D'ahi a pouquinho appareceu por detraz d'elles Buopé com seus guerreiros, a elles disse:
- 259 — Voltem seu rosto para nós, os Tárias não matam gente pelas costas!
- 260 — Os Uananas, contam, tremeram de verdade quando ouviram a voz de Buopé.
- 261 — Aonde está Iuhixaua de vocês, quero mostrar para elle como gente combate!
- 262 — Ninguem respondeu, frecha sómente voou logo.
- 263 — A gente de Buopé tambem correu logo de lança sobre elles, antes do entardecer já tinham matado todos elles.

264 — Um d'elles sómente, contam, fugiu, foi logo contar como essa gente se tinha acabado.

265 — Com a madrugada Munstero Iairo juntou o resto da gente d'elle, seguiu para a Serra do Iurupari.

266 — Quando elles ahí chegaram começaram frechando por cima da trincheira sómente, já de tarde Buopé, de cima da trincheira, contam, disse:

267 — Eu te devia matar, Munstero Iairo, para não bulires com quem sabe guerrear.

268 — Eu sou Dono d'este rio, d'esta terra.

269 — Não te quero matar, porque és pae de Pitiápo.

270 — Munstero Iairo, contam, respondeu:

271 — Eu não peço de ti para viver, desce, vamos combater!

272 — Eu, si não tu, não verá mais o dia enfaceirar-se amanhã!

273 — Buopé, contam, respondeu:

274 — Tu estás cansado, eu queria que hoje descansasse para amanhã te matar.

275 — Como a morte já está chamando por ti ahí vou eu.

276 — Immediatamente, contam, Buopé veio para o terreiro, ahí disse a Munstero Iairo:

277 — Aquí estou eu já, frecha, não quero que morras de frechas na mão.

278 — Eu não sujo minha frecha em sangue de gente da tua qualidade, só de pedra costume matar animal!

279 — Munstero Iairo, contam, começou logo frechando em Buopé, Buopé não fez mais, contam, que pegar as frechas.

280 — Buopé metteu então uma pedra na corda, atirou-a no ouvido de Munstero Iairo, Munstero Iairo caiu por terra.

281 — Buopé, contam, disse:

282 — Levem de junto de meus olhos o tuhixaua de vocês, não mato quem é fraco!

283 — Alguns dos Uananas o carregaram, os outros os Tárias mataram todos.

284 — Logo de manhã, contam, Buopé foi ver a gente que tinha morrido, no meio d'ella encontrou corpos de mulher.

285 — Bem triste, contam, elle ficou, quando chegou no meio da sua gente disse:

286 — Saibam de hoje para sempre que homem não suja frecha d'elle em sangue de mulher, porque assim o mandam os Costumes de Iurupari.

287 — Os guerreiros de Munstero Iairo embarcaram-no na canôa, trouxeram-no aqui para a Caxoeira do Caruru.

288 — Já aqui seu desmaio acabou, então, contam, elle disse:

289 — Vejam como eu, que tenho a contagem de uma mão de folegos, por pouco que uma pedra não me mata!

290 — Buopé, Buopé! eu me hei de vingar do que me fizeste!

291 — Tu me chamaste mofino, has de ver que eu não sou quem tu pensas!

292 — Amanhã, quando Sol se levantar, eu irei á tua terra, hei de achatal-a como uma lage!

293 — Já sómente este Sol teus olhos vêem!

294 — Hei de arrastar teu corpo pelo chão, hei de tornal-o cinza, hei de dal-o ao vento para o vento o sumir pelo ceo!

295 — Só então meu coração descancará!

296 — Como Munstero Iairo era pajé, fez vir immediatamente chuva com vento doido, essa chuva com vento doido só passaram no dia seguinte.

297 — Todos viram uma caxoeira, uma ilha acima de Caruru.

298 — Pitiápo chorava por ver seu pae variado, com ella chorava Dassuen.

299 — Dassuen, contam, disse a Pitiápo:

300 — Vigia, Pitiápo, como saiu direito tudo o que eu disse!

301 — Aconselha teu pae para não voltar, elle vae lá morrer com certeza!

302 — Pitiápo respondeu:

303 — Dassuen, si eu não te quizesse bem como minha irmã, não respondia.

304 — Teu pae atirou com pedra no meu porque não sabe frechar.

305 — Não está longe o dia de veres com teus olhos a tua gente sumir-se de debaixo d'este Sol.

306 — N'essa mesma tarde, contam, chegou de cima gente porção.

307 — Pitiápo, contam, foi logo encontrar essa gente, perguntou:

308 — Quem são vocês, de onde veem, bem alegre meu coração ficou por ver vocês.

309 — Nós somos Gente Cobra Grande.

310 — Quem é o dono d'esta terra?

311 — Meu pae, por pouco vocês o não encontram, porque elle vae para a bocca d'este rio matar seus inimigos.

312 — Si vocês fossem valentes iriam com elle.

313 — Todos, contam, por uma bocca só, disseram;

314 — Nós iremos, repara bem para nosso corpo!

315 — Elles estão mostrando nossa valentia.

316 — Diz immediatamente a teu pae que nós seremos companheiros d'elle.

317 — Pitiápo, contam, voltou logo ter com seu pae, contou tudo a elle, elle, contam, disse:

318 — Pitiápo, diz a elles que amanhã cedo havemos de descer d'aqui.

319 — Dassuen chorava todo o dia com lembrança de seu pae.

320 — Um dia Pitiápo disse para ella:

321 — Agora sim, tu podes chorar, porque nem um só Tária ficará em baixo do ceo.

322 — Dassuen, contam, respondeu:

323 — Assim é bom; como eu tambem sou Tária, irei jogar meu corpo no meio da caxoeira.

324 — Pitiápo, contam, disse:

325 — Tu não farás assim, porque vaes casar com meu irmão Nhanfure quando elle voltar de combater.

326 — Dassuen respondeu:

327 — Então, Pitiápo, tu acreditas será que elle volte de onde foi guerrear?

328 — Seu peito não chegará para as frechas de meu pae se cravaram n'elle.

329 — Pitiápo riu-se, depois, contam, disse:

330 — Promettes para mim que não choras quando elle voltar?

331 — Dassuen, contam, respondeu:

332 — Não hei de chorar, porque não é costume de meu pae matar creança.

333 — Nhanfure é creança ainda!

334 — Pitiápo, contam, disse:

335 — Elle mesmo ha de acabar a gente Tária, porque sabe guerrear!

336 — Quando a Lua Nova appareceu Nhanfure parlia com seus guerreiros para a terra de Buopé.

337 — Quando elles ali chegaram começaram logo frechando por cima da trincheira.

338 — Buopé, contam, appareceu onde costumava falar, ali disse:

339 — Quem são vocês que procuram a morte pelas próprias mãos?

340 — Eu sou Nhanfure, venho matar tudo quanto é Tária que está em cima da terra.

341 — Então tu, uma creança, é que Munstero Iairo será mandou para morrer nas minhas mãos!

342 — Eu não mato creança como a Gente Arara.

344 — Volta, vae dizer a teu pae:

- 345 — Pahi, Buopé não combate com creança, vae tu mesmo, diz elle, para veres como a tua gente vae desaparecer.
- 346 — Nhanfure respondeu:
- 347 — Eu sou Nhanfure, só d'aqui voltarei quando levar tua cabeça, porque assim é dos meus costumes.
- 348 — Buopé riu-se, depois, contam, disse:
- 349 — Este Sol ha de ver ainda como levarás a teu pae minhas palavras.
- 350 — No mesmo instante elle tocou seu iauikalariampe, frecha caiu logo como chuva sobre os Uananas.
- 351 — D'ahi a bocadinho ninguem soube de onde surtiu gente, gente, matou tudo quanto era Uanana.
- 352 — Ficou sómente Nhanfure, agarraram-no, levaram para Buopé, Buopé disse a elle:
- 353 — Vés, Nhanfure, que eu não mato creança!
- 354 — Volta, diz a teu pae d'este geito:
- 355 — Buopé me fez voltar porque não é Arara para matar creança.
- 356 — Como tu não vaes ter com elle, elle virá ter contigo no fim de tres luas.
- 357 — Prepara bem tuas frechas, porque elle não quer acabar sem batalha a Gente das Estrellas.
- 358 — Ahi Buopé mandou logo Nhanfure numa canôa, Táriás o levaram.
- 359 — Quando, contam, chegaram aqui na Caxoeira do Caruru, elles o deixaram na beirada, d'ahi mesmo voltaram logo.
- 360 — Nhanfure, contam, quando chegou deante de seu pae disse:
- 361 — Pahi, aqui estou eu que Buopé fez voltar, elle manda dizer para ti que depois de tres luas vem ter contigo para acabar connosco de cima da terra.
- 362 — Munstero Iairo, contam, perguntou:
- 363 — Onte estão nossos guerreiros?
- 364 — Nhanfure respondeu:
- 365 — Morreram todos.
- 366 — Tu, como não morreste?
- 367 — Por eu ser, diz Buopé, creança.
- 368 — Elle agora vem ter connosco, é bom fazermos tambem, como Buopé, nossa fortaleza, só então o mataremos.
- 369 — Munstero Iairo, contam, respondeu:
- 370 — Assim é bom.
- 371 — Reune quanta gente estiver por aqui para nos ajudar.
- 372 — No outro dia, contam, elles começaram as trincheiras.

373 — Depois de tres dias, contam, chegou de cima gente porção, todos elles foram ajudal-os.

374 — Pitiápo, que tinha fogo no coração, disse a Dassuen:

375 — Dassuen, tu vês será como teu pae vem mesmo por seu pé morrer na mão do meu?

376 — Eu serei doce para contigo, porque vais casar com meu irmão Nhanfure, contigo chorarei a desgraça de teu povo!

377 — Dassuen levantou-se, disse:

378 — Tu ainda acreditas será que teu pae com sua gente matarão o meu e sua gente?

379 — Não tens será um espelho onde está pintada a fraqueza da gente de teu pae?

380 — Quantos já mataram elles para acreditares que são valentes?

381 — Dóe para mim, Pitiápo, agoirares todo o dia meu pae e sua gente.

382 — Si meu pae com sua gente morrer esta caxoeira esconderá meu corpo.

383 — Eu vou para aquella ilha, de cima d'aquella palheira espiarei quando meu pae com sua gente morre.

384 — Então mesmo de cima della eu me jogarei na caxoeira.

385 — Quando acabou de assim falar Dassuen jogou-se no rio, atravessou a Ilha do Inambu. (13).

386 — Desde esse dia ninguem mais viu Dassuen.

387 — Pitiápo subiu este rio, juntou gente.

388 — As mulheres faziam beiju, juqyotáia, moqueavam peixe, os homens faziam frecha.

389 — Quando a terceira lua acabou Buopé chegou com seus guerreiros na ilha da Arara.

390 — Elle ouviu logo para as bandas do Banco do Gavião o estrondo dos Uananas que eram para batalhar com elle.

391 — De madrugada mandou dizer a Munstero Iairo que elle já estava na Ilha da Arara.

392 — Munstero Iairo mandou dizer a elle que já estava no Bico da Arara, onde o esperava para tirar seus ossos para soprar.

393 — Buopé, atravessou para lá, quando ahi chegou frecha caiu em cima d'elle como chuva.

(13) *Ilha do Inambu*: Em Uanana, *Kaan Neskon*.

394 — Elle pulou ahi com sua gente, quando Sol ia sumindo elles já tinham acabado de matar quanto Uanana ahi estava.

395 — Só Munstero Iairo, contam, ficou, Buopé disse a elle:

396 — Munstero Iairo, vae adiante de mim, aconselha bem teus guerreiros para frecharem direito no teu inimigo.

397 — Tu, não tenhas medo, nossa flecha não te procura porque és pae do Pitiápo.

398 — Munstero Iairo, contam, disse:

399 — Buopé, tu, eu, somos dois inimigos, quero matar-te, vamos batalhar nós dois!

400 — E' muito feio dois inimigos fugirem de se matar!

401 — Buopé não respondeu, olhou direito aguas acima.

402 — Munstero Iairo então jogou-se no rio, atravessou para o Banco do Gavião.

403 — Com o vermelho do dia Buopé atravessou para o Banco do Gavião, quando ahi chegaram flecha tambem como chuva caiu em cima d'elles.

404 — Como gente, gente, frechava nos Tárias, elles não podiam pular para cima da trincheira, sómente encontravam de baixo as flechas com seus escudos.

405 — Já com a tarde, contam, acabou flecha dos Uananas, começaram então a por do alto pedra pau grande, bacabeira.

406 — Os Tárias se juntaram duro um no outro, depois puzeram por cima seus escudos.

407 — Pedra, pau grande, bacabeira, vinham do alto bater nos escudos, depois nada menos que bonito passavam por cima d'elles, iam cair no rio.

408 — Quando os Uananas já não tinham mais o que jogar Tárias subiram na trincheira d'elles, mataram todos quantos ahi estavam, só Munstero Iairo ficou.

409 — Todos morreram de pió. (14).

410 — Buopé então, contam, disse a Munstero Iairo:

411 — Munstero Iairo, vae adiante, conta para tua gente o que viste.

412 — Munstero Iairo respondeu:

413 — Tu, tambem, olha bem para deante de ti!

414 — Elle jogou-se no rio, foi para a Mion Neskon (15), Buopé partiu atraz d'elle com a madrugada, ahi mataram os Uananas, todos morreram de funda.

(14) *Piô*: Espécie de sabre, feito de amago de madeira real.

(15) *Mion Neskon*: Ilha do Cabari, em Uanana.

415 — No outro dia Buopé seguiu para o Minhoan (16), ahí acabou com todos os Uananas a pió.

416 — No dia seguinte partiu para o Dussete (17), aonde Nhanfure era cabeça dos guerreiros, ahí também matou todos os Uananas, só Nhanfure ficou.

417 — Buopé, contam, olhou para elle, disse:

418 — Ainda tu! Já não viste será que eu não mato creança!

419 — Aonde está teu pae?

420 — Está acolá, na Ilha do Inambu, aonde na verdade vais encontrar a morte.

421 — Buopé olhou para essa ilha, vio uma mulher em cima d'uma palheira.

422 — Buopé atravessou immediatamente para lá com seus guerreiros, atraz delle foi também Nhanfure.

423 — Os homens Uananas, contam, já não eram muitos, por isso já Pitiápo com todas as mulheres, contam, foram encontrar Buopé para combater.

424 — Coração de Buopé ficou logo frio quando viu aquella porção de mulheres.

425 — Elle, contam, perguntou logo:

426 — Munstero Iairo, tu não tomaste será os Costumes do Filho do Sol?

427 — Tu não sabes será que homem não pôde sujar frecha d'elle em sangue de mulher?

428 — Ah! já mesmo, contam, Buopé ouviu, de cima da palheira, alguém dizer:

429 — Pahica, eu, tua filha Dassuen, também estou aqui!

430 — Minha filha aqui também?

431 — Immediatamente, contam, Buopé jogou arco e flecha d'elle no rio, disse:

432 — Kare, mando nossos guerreiros jogarem arco e frechas no rio!

433 — Elles assim, contam, fizeram logo.

434 — Buopé foi ter immediatamente com Dassuen, Dassuen abraçou-se n'elle.

435 — Pitiápo, contam, deixou já cair seu arco e flechas, veio chorando abraçar marido d'ella.

436 — Munstero Iairo estava como sem cabeça no meio das mulheres.

437 — Dassuen, contam, disse a seu pae:

(16) *Mion han*: Ygarapé do Cabari.

(17) *Dusute*: Logar acima do mesmo Ygarapé.

438 — Pahica, no meio das palhas d'aquelle inajá passei metade d'esta lua.

439 — Minha comida ahi foram seus grelos, d'ahi eu vi tu subires este rio com nossos guerreiros.

440 — De noite eu vi tua sombra se tornar como fogo, ir beijar a Lua, as estrellas do ceo.

441 — Hontem ainda eu te vi diferente.

442 — Tua sombra virou n'um gavião branco, voaste por cima de mim, depois seguiste direito para o ceo, ahi sumiste.

443 — Agora estou já dentro de teus braços, ainda me queres será bem!

444 — Buopé, contam, respondeu:

445 — Ah, Dassuen!

446 — Por teu respeito agora meus inimigos pôdem matar-me.

447 — Vigia, eu, minha gente, não temos mais com que matar!

448 — Ahi já, contam, Nhanfure veio ter com Buopé, disse:

449 — Aqui estão meu arco, minhas flechas!

450 — Bem ahi então, contam, Munstero Iairo accordou, foi direito para Buopé, disse:

451 — Buopé, este cabelo braneo nunca se envergonhou.

452 — Duas vezes estive em frente de ti, duas vezes não quizeste combater commigo.

453 — Teria sido melhor teres-me então matado para não estar hoje deante de ti.

454 — Aqui estão meu arco, minhas flechas, guarda-os para algum dia dizeres:

455 — O dono d'este arco, destas flechas, foi um tuhixaua com quem troquei meu sangue.

456 — Buopé, contam, respondeu:

457 — E' mesmo certo o que estaes será dizendo!

458 — Nhanfure, contam, disse:

459 — Dá-me Dassuen para minha mulher.

460 — Já todos sabem que nosso coração se quer.

461 — Buopé, contam, respondeu:

462 — Munstero Iairo, não sou mais teu inimigo!

463 — Agora mesmo Dassuen casará com Nhanfure.

464 — Parima, traz-me agua, quero casar já tua irmã.

465 — Parima estava sentado na beirada, olhando as suas flechas de bubuia aguas abaixo.

466 — Pitiápo estava junto d'elle, chorava.

467 — Quando Parima trouxe a agua Buopé assoprrou-a, depois juntou toda a sua gente, disse:

468 — Dassuen vae casar-se com Nhanfure, filho de Munstero Iairo.

469 — Elles hão de passar bonito seus dias em baixo d'este ceo.

470 — Esta agua que elles vão beber é o signal de nossa amizade.

471 — Buopé, contam, deu então d'essa agua a Nhanfure, depois deu a Dassuen, elles beberam, Buopé disse:

472 — Vocês agora já são casados.

473 — Depois disse a Munstero Iairo:

474 — Munstero Iairo, agora acabou já nossa raiva, somos um só corpo já no meio d'este ceo grande.

475 — O que eu sômente quero de ti é que, quando aqui morrer gente do Sangue de Trovão, mandes levar seu corpo para minha terra porque só ahi elle póde ficar enterrado.

476 — Assim o disse Hamperikure, assim nós o fazemos.

477 — Um só mesmo havemos de ser agora para toda a nossa vida, na guerra, na escolha das nossas mulheres, em tudo assim ha de ser.

478 — Hoje, quando noite já se inclinar para o dia, deixarei a tua terra, porque quero que o sol de amanhã se encontre longe d'aqui.

479 — Então já Munstero Iairo, contam, disse:

480 — Vae, Buopé.

481 — Peso de meus annos já me está amassando para o chão, por que já não tem de ser muitos os meus dias.

482 — Já sei que minha sombra não vae para o meio das sombras dos valentes quando eu morrer, porque tu me mostraste como fraco em não querer combater commigo.

483 — Minha sombra voltará por isso para aquella estrella que me gottejou.

484 — Quando eu já estiver lá procura no ceo a estrella que mais brilhar, ahi eu estou.

485 — D'ahi, no meio do silencio grande da noite, podemos conversar.

486 — Dassuen, contam, veio, disse a Buopé:

487 — Como tu já vais voltando, conta bonito de mim a minha mãe.

488 — No Sol do umari hei de ir ter com ella levar ma-
niara, hei de contar então para ella como passei em cima
da palheira.

489 — Sol do outro dia viu já as canoas de Buopé e da
gente d'elle correrem valente, pelas caxoeiras.

490 — Pitiápo ia no jacumá de Parima.

